

DOI: <https://doi.org/10.36470/famen.2024.r5a20>

Recebido em: 29/10/2024

Aceito em: 08/11/2024

DESAFIOS PARA UMA EDUCAÇÃO DE QUALIDADE

CHALLENGES FOR QUALITY EDUCATION

Roberto Carlos Simões Galvão

Orcid: <https://orcid.org/0009-0005-5071-1155>

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8191930091466799>

Mestre em Educação

Rede Estadual de Educação de Santa Catarina, Brasil

E-mail: simoes-galvao@hotmail.com

RESUMO

O presente artigo discorre sobre os desafios contemporâneos para uma educação de qualidade, com especial enfoque para a prática da pesquisa na educação básica e no ensino superior. De forma pormenorizada serão pontuados alguns aspectos fundamentais do trabalho docente e do universo pedagógico. Com base em ampla pesquisa bibliográfica serão elencadas algumas competências que transpassam o planejamento escolar, os fundamentos da didática, bem como os processos avaliativos. O objetivo maior consiste em demonstrar o vínculo entre a formação docente de qualidade e a prática da pesquisa. Os resultados obtidos apontam para a necessidade do fortalecimento entre teoria e prática na educação básica e nos cursos de formação de professores.

Palavras-chave: Formação docente; teoria e prática; produção do conhecimento.

ABSTRACT

This article discusses the contemporary challenges for quality education, with a special focus on the practice of research in basic education and higher education. Some fundamental aspects of teaching work and the pedagogical universe will be highlighted in detail. Based on extensive bibliographical research, some competencies that go beyond school planning, the fundamentals of didactics, and evaluation processes will be listed. The main objective is to demonstrate the link between quality teacher training and research practice. The results obtained point to the need to strengthen the relationship between theory and practice in basic education and teacher training courses.

Keywords: Teacher training; theory and practice; knowledge production.

1 INTRODUÇÃO

O trabalho docente envolve diferentes aspectos e funções, tais como o planejamento pedagógico, as atividades extraclasse, as práticas avaliativas, a prática da pesquisa, o autoaperfeiçoamento contínuo, entre outras responsabilidades. O exercício do magistério na educação básica ou no ensino superior – ou mais resumidamente a exposição de conteúdo em sala de aula –, requer muitos requisitos além obviamente do domínio do assunto a ser exposto e da clareza na exposição. O desafio de ministrar uma aula proveitosa será amenizado inicialmente com a elaboração de um plano de aula. Nele o docente especificará o tema a ser abordado, os objetivos e a metodologia, sem esquecer o tempo disponível para o êxito da aula. No mesmo sentido, os conhecimentos de didática farão diferença na vida de quem pretende atuar como professor. A didática tem como objetivo o estudo de métodos e técnicas de ensino. Em seu Dicionário de Pedagogia, Ramiro Marques (2000, p. 32) dispõe que o termo didática “designa o procedimento cujo objeto é instruir pelo ensino. É considerada uma disciplina que reúne os instrumentos necessários ao professor para estruturar e realizar o processo de ensino”. Em síntese, a didática permite desenvolver diferentes processos e técnicas de ensino.

Em uma de suas obras o sociólogo suíço Philippe Perrenoud (2000) apresentou algumas competências imprescindíveis para quem pretende ensinar. Dentre elas está a necessidade de organizar e dirigir situações de aprendizado, de forma atualizada, fugindo da padronização e do modelo clássico de ensino construído de cima para baixo. Igualmente relevante será a atenção voltada à progressão do aprendizado. Aqui entra o debate referente aos modelos mais apropriados de avaliação da aprendizagem. Perrenoud relembra um velho dilema pedagógico:

É melhor manter um aluno por mais um ano no mesmo ciclo, correndo-se o risco de retardar seu desenvolvimento e aumentar seu atraso escolar, ou é melhor fazê-lo passar para o ciclo seguinte, ainda que não domine todos os seus pré-requisitos e possa perder seu tempo e agravar as lacunas? (Perrenoud, 2000, p. 52).

O remanejamento das práticas de avaliação e o estudo do percurso de cada aluno, de forma personalizada, é para onde apontam as novas competências para ensinar. Na atividade docente uma palavra de destaque será, justamente, a avaliação. Na atualidade, a avaliação é compreendida como uma apreciação qualitativa sobre dados relevantes do processo de ensino

e aprendizagem que auxilia o professor a tomar decisões sobre o seu trabalho (Luckesi, 2021). A prática da pesquisa junto aos alunos, o trabalho em equipe na sala de aula e o uso das novas tecnologias, contribuem para o aprendizado e para a obtenção dos bons resultados nas avaliações. O sucesso nas avaliações escolares pode ser alcançado ainda com a diversificação nos modelos avaliativos. “O mais recomendável é empregar técnicas diversificadas e instrumentos variados”, assegura Haydt (2011, p. 235). A mesma autora dispõe que atualmente a avaliação assume uma função diagnóstica e orientadora, uma vez que ajuda o aluno a progredir na aprendizagem e o professor a reorganizar sua ação pedagógica (Haydt, 2011). Os estudos direcionados à didática e aos métodos avaliativos são inúmeros. Celso Antunes (2013), Cipriano Luckesi (2021) e ainda Philippe Perrenoud (1999), abordam o tema com maestria em diferentes obras e ocasiões. Não obstante, os desafios impostos aos educadores vão além.

A obra *Dez Novas Competências para Ensinar* (Perrenoud, 2000), dispõe sobre a necessidade de o professor estar atento aos deveres e dilemas éticos da profissão. Perrenoud (2000) destaca o quanto é injusto esperar dos professores virtudes maiores que aquelas sustentadas pela sociedade que os incumbiu de ensinar. Deveras, a escola não pode ser melhor do que a sociedade que a mantém. No mundo contemporâneo prevalece o culto ao prazer, ao imediato, em detrimento do esforço e da austeridade. Hoje o que vale são os interesses individuais, as satisfações imediatas. Nesse sentido, o que se espera de uma educação ética, crítica e reflexiva, é que contribua para ampliar a capacidade reflexiva dos indivíduos no resgate da liberdade, dos valores morais e da autonomia subjetiva, como sustentam Lombardi e Goergen (2005). Considerando ainda as competências necessárias ao ofício de professor, é fato que nenhum profissional da educação alcançará clareza e brilhantismo em suas aulas sem que tenha pleno domínio da língua portuguesa. Do docente se exigirá de igual modo o conhecimento do vocabulário específico de sua área (ou disciplina), bem como o domínio dos termos técnicos e da pronúncia correta de expressões em língua estrangeira, quando for o caso.¹ Importa ao professor, nomeadamente, dominar a pronúncia correta dos nomes de autores estrangeiros cujas obras fundamentem o que está sendo exposto. Vale reforçar a necessidade de fundamentar o que se diz em sala de aula, citando obras e autores. Outro ponto a ser salientado no exercício do magistério é a comunicação subliminar. Deve-se evitar o tom autoritário, cuidar com a

¹ Em filosofia o uso de palavras e expressões em alemão são bastante frequentes, como por exemplo: *Schein* (aparência ou brilho), *Zeitgeist* (espírito da época), entre outras.

entonação da voz e com a forma de dirigir o olhar aos alunos. É fundamental promover a abertura ao contraditório, ser flexível e democrático. “Algumas pessoas emitem opiniões categóricas, estigmatizando qualquer opinião contrária”, escreveu Perrenoud (2000, p. 86). O vocabulário deve ser rico e claro, conforme exposto acima, evitando termos de teor ofensivo ou com duplo significado.

A realidade contemporânea alerta para o quanto é imprescindível o contínuo aperfeiçoamento profissional. Novas descobertas da ciência, novas teorias e avanços tecnológicos surpreendem a cada dia. Portanto, pensar o processo de formação escolar ou universitária como algo que termina definitivamente, já não faz sentido. Em todas as categorias profissionais de nível superior e muito principalmente para aqueles que pretendem atuar como professor, é fundamental o contínuo aperfeiçoamento. A formação continuada deve ser realizada ao longo da carreira profissional, de forma permanente e objetivando alcançar os saberes necessários à atividade docente. Fazer cursos de extensão e pós-graduação (*lato sensu* ou *stricto sensu*), escrever e publicar artigos científicos² em revistas especializadas, participar de congressos, simpósios e seminários, com ou sem apresentação de trabalhos, tudo isso fará grande diferença na vida de quem pretende atuar profissionalmente na educação básica ou no ensino superior. Cadastrar-se na Plataforma Lattes (Currículo Lattes) do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPQ) é igualmente relevante, por se tratar do registro da trajetória acadêmica de cada estudante, professor ou pesquisador. Os artigos publicados, os cursos realizados, a participação em eventos, as premiações recebidas e a experiência docente, deverão constar no referido currículo.

É imperioso reforçar também a importância do hábito da leitura. Ler com atenção, interesse e frequência, facilita o aprendizado da redação acadêmica e fortalece o domínio da gramática. A leitura contínua organiza o pensamento e desenvolve o raciocínio lógico e criterioso. Ademais, o enriquecimento do vocabulário especializado – em diferentes áreas do conhecimento – e o ganho cultural em sentido amplo, são outras consequências inegáveis. Fazer o fichamento das leituras realizadas é outra prática recomendável para quem pretende avançar nos estudos. O fichamento consiste na cópia de trechos ou passagens que melhor espelhem as ideias principais de uma obra ou autor. É uma forma de armazenar conteúdo de relevo e

² Conforme disposto na ABNT (NBR 6022, 2003, p.2), artigo científico é uma “publicação com autoria declarada, que apresenta e discute ideias, métodos, técnicas, processos e resultados nas diversas áreas do conhecimento”.

informações-chave, objetivando a consulta posterior. O fichamento deve ser feito em fichas ou folhas em branco, iniciando com o nome do autor, título do livro, editora e data da edição. Em alguns cursos de pós-graduação existe a recomendação da leitura de obras de autores estrangeiros, no original. As traduções disponíveis em língua portuguesa, embora possuam boa qualidade, não retratam o âmago e a precisão do que fora escrito pelo autor em seu ambiente histórico-cultural. Em uma tradução há perda de originalidade e precisão linguística. Antônio Joaquim Severino (1996), em seu livro *Metodologia do trabalho científico*, reforça a exigência de se ler o próprio autor na fonte original ou em tradução confiável. O ditado italiano *traduttore traditore*, refere-se a tal realidade. Não obstante, há sim autores que minimizam o problema das traduções, como é o caso de Paul Ricoeur. Segundo o pensador francês não há critério absoluto de qualidade. Os dilemas da tradução se apresentam também no interior de um idioma (Recoeur, 2011). Saber ler em língua estrangeira representa, entretanto, um benefício para quem pretende disputar uma vaga nos cursos de pós-graduação *stricto sensu*. O exame de proficiência em língua estrangeira é parte do processo seletivo para ingresso em cursos de mestrado e doutorado. Na ocasião, o candidato deverá responder em português questões elaboradas em língua estrangeira. Também poderá ser exigida a tradução simples de um texto em língua estrangeira. O candidato escolhe o idioma antecipadamente dentre aqueles ofertados pela universidade. O uso do dicionário é permitido e a duração média da prova é de duas horas.

2 IMPORTÂNCIA DA PESQUISA

Há um consenso de que a pesquisa é um elemento essencial na formação docente, conforme exposto na obra *O papel da pesquisa na formação e na prática dos professores*, organizada por Marli André (2017). “Pesquisa é uma atividade voltada para a solução de problemas, que se utiliza de um método para investigar e analisar estas soluções, buscando também algo novo no processo do conhecimento” (Pádua, 1989, p. 147). Em vista disso, o estudante ou professor que opte por ingressar no universo da pesquisa científica, sobretudo em cursos de pós-graduação *stricto sensu*, deverá ter em mente alguns desafios. O processo seletivo das universidades públicas e privadas comumente exige a apresentação de um projeto de pesquisa, que pode ser definido como “um texto que, além de determinar o problema, define e aponta detalhadamente o caminho a ser seguido e a ordem das atividades a serem realizadas

para a construção de um trabalho de pesquisa científica” (Pescuma; Castilho, 2008, p. 19). Todo projeto de pesquisa deve ser composto pela escolha de um tema e pela formulação do problema a ser investigado. O projeto deve conter um objetivo geral e objetivos específicos; deve conter ainda o levantamento da hipótese e a metodologia da pesquisa ou os pressupostos metodológicos. A exposição dos referenciais teóricos é igualmente fundamental. Por fim, se destacam os referenciais bibliográficos e o cronograma do trabalho a ser desenvolvido.

A escolha de um tema representa a delimitação de um campo de estudo no interior de uma área de conhecimento. Importa delimitar o tema, pois quanto mais abrangente, menor tende a ser a profundidade. O interesse e o conhecimento prévio do pesquisador pelo tema escolhido farão a diferença. Portanto, o tema deve estar vinculado a uma área do conhecimento com a qual o pesquisador esteja já familiarizado. Ter realizado leituras prévias sobre o assunto contribui muito para a pesquisa. Alguns outros fatores devem ser considerados previamente. O autor do projeto deve considerar a disponibilidade de tempo para a plena execução da pesquisa; deve considerar os limites da capacidade do pesquisador em relação ao tema pretendido; considerar a relevância social e acadêmica do tema escolhido; considerar a disponibilidade de material e fontes para consulta. Há temas interessantes para os quais faltam fontes de pesquisa. Considerar a exequibilidade do projeto, ou seja, as possibilidades reais de execução da pesquisa. Um projeto de pesquisa de pós-graduação que objetive, por exemplo, conhecer de forma pormenorizada o sistema educacional da Coreia do Norte, imporá certamente muitos desafios. Algumas perguntas serão fundamentais: o pesquisador domina o idioma coreano? Terá tempo e disponibilidade para, eventualmente, viajar até a península coreana? Terá facilidade de acesso às fontes de pesquisa em um país reconhecidamente fechado e antidemocrático? Não basta o tema despertar interesse, precisa ser exequível. Já foi dito que o autor de um projeto de pesquisa deve deixar claro suas fontes, quais serão, onde encontrá-las, pelo que se poderá ver a exequibilidade do projeto. Ademais, todo pesquisador que pretenda conquistar uma vaga na pós-graduação precisa considerar a compatibilidade do tema escolhido com as linhas de pesquisa dos orientadores. Os pesquisadores mais experientes alertam para o cuidado com os temas que já foram suficientemente trabalhados na universidade.

A formulação do problema é o momento em que se formulará uma pergunta sobre o que o pesquisador pretende responder com base no tema proposto. O problema é a alavanca propulsora em qualquer trabalho de pesquisa. Algumas sugestões referentes à elaboração de um

problema de pesquisa: seja claro e preciso na formulação do problema; formule o problema como pergunta; o problema deve ser delimitado, verificável e suscetível de solução. Na fase da elaboração dos objetivos o pesquisador deve responder o que busca atingir com a pesquisa. No objetivo geral descreva a temática proposta e sua relevância no universo do conhecimento. Nos objetivos específicos, de forma delimitada, descreva as metas e a utilidade prática e teórica da pesquisa. A clareza e a delimitação nos objetivos específicos resultarão no avanço qualitativo da pesquisa. Estando resolvida a questão da formulação do problema da pesquisa e os objetivos a serem alcançados, o pesquisador então deverá definir a hipótese ou resposta provisória ao problema apresentado no projeto. Todo o esforço em torno da pesquisa visa confirmar ou negar a hipótese defendida.

Uma das etapas mais desafiadoras na elaboração de um projeto de pesquisa é a descrição da metodologia a ser utilizada. Metodologia pode ser definida como o conjunto dos métodos e técnicas científicas a serem usados ao longo da pesquisa, de modo a atingir os objetivos propostos. Metodologia é o caminho do pensamento e a prática exercida na abordagem da realidade. Ocupa um lugar central no interior das teorias e está sempre referida a elas (Porto, 2010). O Dicionário de Filosofia de Nicola Abbagnano (2003) assegura que não há doutrina ou teoria que não possa ser considerada como um método, se encarada como ordem ou procedimento de pesquisa. O estruturalismo, por exemplo, é uma tendência metodológica de cunho qualitativo direcionada para o estudo da estrutura dos fenômenos sociais, ao invés de com suas origens e desenvolvimento histórico (Appolinário, 2007). Considerando o acima exposto, alguns manuais de metodologia de pesquisa chegam a sugerir que o referencial teórico faça parte da metodologia científica. Referencial teórico é um resumo do que foi estudado sobre determinado assunto, ou seja, expõe o conhecimento adquirido sobre o tema até o momento. Busca-se aqui uma resposta para questões como: quais autores já escreveram sobre o tema? O que foi publicado? Quais instituições debatem a questão e qual a bibliografia disponível? Partindo do referencial teórico será possível compreender melhor uma realidade temática específica e o estágio de seu desenvolvimento. O referencial teórico representa, por conseguinte, o embasamento conceitual da pesquisa a ser desenvolvida. Há pesquisadores que pontuam diferenças entre o referencial teórico e a revisão de literatura. Esta última seria mais ampla, abrangendo vários pontos de vista sobre o tema de enfoque da pesquisa. O referencial

teórico, por outro lado, seria mais específico ao definir os termos e conceitos usados no desenvolvimento do trabalho (Gasque, 2012).

O mais relevante no processo de elaboração de um projeto de pesquisa é a demonstração de que o estudante ou professor-pesquisador (autor do projeto) domina o assunto proposto, encaminhando uma nova leitura sobre determinado tema, com clareza e foco de investigação, sem esquecer de uma boa revisão teórica (ou revisão de literatura). Um trabalho de pesquisa, vale dizer, também poderá ser desenvolvido em torno de um autor de eleição. Trata-se daquele autor cujas obras e biografia serão abordadas com profundidade pelo pesquisador, formando a base de seus estudos. O projeto de pesquisa termina com a inclusão das referências bibliográficas e do cronograma de execução. As referências bibliográficas trazem obras, autores e quaisquer fontes consultadas no levantamento preliminar dos textos escolhidos para a pesquisa. Como leciona Severino,

Naturalmente, a bibliografia poderá ser enriquecida depois, no decorrer do próprio desenvolvimento da pesquisa: donde se vê que a bibliografia do projeto não é ainda tão completa como a que constará do trabalho, à qual se acrescentarão novos elementos descobertos e explorados durante a própria pesquisa (Severino, 1996, p. 130).

As referências bibliográficas requerem preciosa atenção, tanto quanto as demais etapas de um projeto. Não tendo uma linha teórica definida, é comum aos iniciantes a mistura de autores e obras vinculados a doutrinas ou escolas de pensamento diferentes. É sabido que a interpretação e a compreensão de uma realidade exigem um referencial teórico coerente e bem definido. Assim sendo, a desorientação teórica do autor do projeto estará evidenciada na bibliografia escolhida, bastando um olhar atento por parte da bancada que avaliará o projeto. O cronograma de execução é a previsão do tempo a ser gasto para a consecução plena da pesquisa acadêmica. O desenho de um cronograma de pesquisa não segue padrões rigorosos, podendo variar de acordo com cada pesquisador e suas pretensões de trabalho. Um cronograma poderá trazer de modo pormenorizado as atividades que serão realizadas, a exposição de etapas, bem como os prazos estabelecidos para a finalização.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ingressando ou não em cursos de especialização, mestrado ou doutorado, o fundamental será o professor permanecer estudando, pesquisando e se atualizando continuamente. Muito embora o enfoque maior nestas linhas tenha sido em torno da pesquisa no âmbito universitário, importa frisar a relevância da prática da pesquisa científica também na educação básica. O ensino teórico na sala de aula, alinhado à prática da pesquisa em laboratório, seguramente contribuirá em muito para a melhoria da qualidade da educação. Há inúmeras obras e autores que discorrem sobre o tema, sua importância, propósitos e desafios. Em *Pesquisa na escola: o que é, como se faz*, o autor adverte: “antes de pedir à classe que faça uma pesquisa, o professor tem que estar plenamente consciente da seriedade que envolve este tipo de trabalho. Precisa também ter bem claro o propósito, o objetivo, a finalidade daquela pesquisa” (Bagno, 1998, p. 22). Outras orientações fundamentais poderão ser encontradas em *Ensino com pesquisa: um desafio para a aprendizagem na educação básica* (Brum; Gasparin, 2019) e *Pesquisa na educação básica: a escola e a produção do conhecimento* (Nhoque; Almeida, 2016).

REFERÊNCIAS

- ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- ANDRÉ, Marli (Org.). **O papel da pesquisa na formação e na prática dos professores**. Campinas: Papirus, 2017.
- ANTUNES, Celso. **A avaliação da aprendizagem escolar**. Rio de Janeiro: Vozes, 2013.
- APPOLINÁRIO, Fábio. **Dicionário de metodologia científica: um guia para a produção do conhecimento científico**. São Paulo: Atlas, 2007.
- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 6022: informação e documentação: artigo em publicação periódica científica impressa: apresentação**. Rio de Janeiro, 2003.
- BAGNO, Marcos. **Pesquisa na escola: o que é, como se faz**. São Paulo: Loyola, 1998.
- BRUM, Luíza; GASPARIN, João Luiz. **Ensino com pesquisa: um desafio para a aprendizagem na educação básica**. Curitiba: CRV, 2019.

GASQUE, Kelley Cristine Gonçalves Dias. **Diferença entre referencial teórico e revisão de literatura**. Brasília (DF), 2012. Disponível em: <https://kelleycristinegasque.blogspot.com/2012/02/diferenca-entre-referencial-teorico-e.html>. Acesso em: 26 abr. 2024.

HAYDT, Regina Célia C. **Curso de didática geral**. São Paulo: Ática, 2011.

LOMBARDI, José Claudinei; GOERGEN, Pedro (orgs.). **Ética e educação: reflexões filosóficas e históricas**. Campinas (SP): Autores Associados: Histedbr, 2005.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Avaliação da aprendizagem: componente do ato pedagógico**. São Paulo: Cortez, 2021.

MARQUES, Ramiro. **Dicionário breve de pedagogia**. 2. ed. Lisboa: Presença, 2000.

NHOQUE, Janete Ribeiro; ALMEIDA, Julio Gomes (orgs.). **Pesquisa na educação básica: a escola e a produção do conhecimento**. Curitiba: CRV, 2016.

PÁDUA, Elisabete Matallo Marchesini. O trabalho monográfico como iniciação à pesquisa científica. *In*: CARVALHO, Maria Cecília (org.). **Construindo o saber – metodologia científica: fundamentos e técnicas**. 2. ed. Campinas (SP): Papyrus, 1989.

PERRENOUD, Philippe. **Dez novas competências para ensinar**. Porto Alegre: Artmed, 2000.

PERRENOUD, Philippe. **Avaliação: da excelência à regulação das aprendizagens entre duas lógicas**. Porto Alegre: Artmed, 1999.

PESCUMA, Derna; CASTILHO, Antônio Paulo. **Projeto de pesquisa: o que é? como fazer?: um guia para sua elaboração**. São Paulo: Olho D'água, 2008.

PORTO, Luana. **Caderno de métodos e técnicas de pesquisa**. Santa Cruz do Sul: Faculdade Dom Alberto, 2010.

RICOEUR, Paul. **Sobre a tradução**. Belo Horizonte: UFMG, 2011.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. São Paulo: Cortez, 1996.

TRIVIÑOS, Augusto S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.